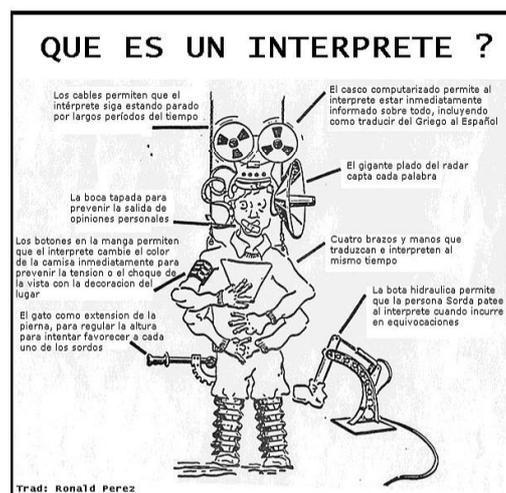


ANÁLISE DE TEXTOS VERBO-VISUAIS SOBRE INTÉRPRETE EDUCACIONAL

CONSTRUINDO
SENTIDOS SOBRE SUA
TAREFA EM SALA DE
AULA



Autor desconhecimento. *Interpretes de Lengua de Señas de Iberoamérica. Que es um interprete?*. Fonte: Facebook.

Neiva de Aquino Albres é
Doutora em Educação
Especial pela Universidade
Federal de São Carlos – UFSCar,
mestre em Educação pela
Universidade Federal de Mato
Grosso do Sul – UFMS,
pesquisadora e docente da
Universidade Federal de Santa
Catarina – UFSC. E-mail:
neiva.albres@ufsc.br.

**Vânia de Aquino Albres
Santiago é** Mestre em
Educação Especial pela
Universidade Federal de São
Carlos – UFSCar. E-mail:
vania.santiago10@yahoo.com.
br.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Recebido em 19/02/2014 e aprovado em 12/05/2014.

Resumo

Tomamos a teoria bakhtiniana dialógica da linguagem como referencial teórico (BAKHTIN, 2010) para desenvolver a análise de imagens que representam a atividade do intérprete de língua de sinais em ambiente educacional, estudo este centrado na análise verbo-visual de enunciados concretos. As questões que se colocam nesta pesquisa são: como subte-se o intérprete educacional em textos verbo-visuais? Que concepção sobre o papel do intérprete educacional é transmitida por estes textos verbo-visuais? Tais textos verbo-visuais estabelecem relações dialógicas com o contexto histórico e revelam diferentes interpretações do papel do intérprete, como: máquina de traduzir, colaborador na escola e como profissional que enfrenta problemas na execução de sua tarefa de mediador da aprendizagem de alunos surdos.

Palavras-chave: Imagem. Verbo-visual. Política educacional. Intérprete educacional.

Abstract

We chose the dialogic Bakhtin's theory of language as a theoretical basis for developing the analysis of images that represent the activity of educational sign language interpreter, this study focused on verbal-visual analysis of concrete statements. The questions posed in this research are: how subtends up the educational interpreter in verb-visual texts? What conception of the role of the educational interpreter is transmitted by these verbal-visual texts? Such verbal-visual texts establish dialogical relations with the historical context and reveal different interpretations of the role of interpreter as: translating machine, collaborator in school and as a professional facing problems in executing their task of mediating learning of deaf students.

Keywords: Image. Verbal-visual. Educational policy. Educational interpreter.

Introdução

A partir da década de 1960, minorias étnicas e linguísticas da sociedade formaram movimentos sociais em luta por seus direitos. Dentre as reivindicações, a busca por uma educação de qualidade se tornava imperioso. Este movimento internacional culminou na produção de documentos internacionais como a Declaração de Salamanca (NAÇÕES

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

UNIDAS, 1994) que marca a Proposta de Inclusão Escolar das Minorias Sociais, documento este que o Brasil é signatário.

Concomitante a isto, os surdos brasileiros, com um movimento próprio, criaram o Comitê Pró-Oficialização da Língua Brasileira de Sinais – Libras, na década de 1990 e o pleito pela oficialização da Libras ganhou mais força (NEVES; BRITO; XAVIER, 2013). Na década de 1990 também se fortalece o movimento de educação inclusiva que demanda, entre outros serviços, intérpretes em salas de aulas em escolas comuns para mediar as relações entre alunos surdos, professores e colegas ouvintes.

O Conselho Nacional de Educação do Brasil aprovou a Resolução nº 02/2001 (BRASIL, 2001), que instituiu as *Diretrizes nacionais para educação especial na educação básica*, indicando que “professores-intérpretes são profissionais especializados para apoiar alunos surdos, surdos-cegos e outros que apresentem sérios comprometimentos de comunicação e sinalização” (BRASIL, 2001, p. 50).

Nos anos de 2000, secretarias estaduais e municipais de educação, como também instituições de ensino superior em diversas localidades, contratam intérpretes educacionais, por vezes, formados em serviço para desenvolver o papel de mediador da aprendizagem de alunos surdos incluídos em classes do ensino comum.

No Brasil, em 2002, a Libras é reconhecida como língua da comunidade surda pela lei 10.465. E diretrizes sobre educação bilíngue para surdos são instituídas pelo Decreto 5.626 de 2005. Estabelece que após um ano da publicação deste decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior deveriam incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras – Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos (BRASIL, 2005).

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Apesar de o decreto supracitado orientar o encaminhamento da educação de surdos para uma educação bilíngue, o MEC opta pela matrícula de alunos surdos em escolas comuns e a contratação de intérpretes educacionais (LEITE, 2004; QUADROS, 2004), desconfigurando o que deveria ser um programa de educação bilíngue.

A centralidade atribuída à língua de sinais como material semiótico responsável por permitir a constituição de seus usuários como surdos e sua participação em todas as esferas de atividade humana, enfatiza a necessidade de que a Libras assuma status de primeira língua para esses sujeitos e, desse modo, que a educação para surdos seja realizada por seu intermediário (LODI; ROSA; ALMEIDA, 2012, p. 3).

Nesse sentido, a escola é transformada, pois o que outrora fora desprezado (língua de sinais) passa a ser essencial para a educação de surdos. As práticas escolares passam a dar centralidade à Libras e ao papel do intérprete educacional, por vezes, destoando do almejado pela comunidade surda (ALBRES; SANTIAGO, 2012). Os surdos desejam uma educação bilíngue para além da simples contratação de intérpretes, de uma escola que tenha um currículo que contemple a diversidade sociocultural e linguística peculiar aos surdos, que se consolidem propostas específicas de educação bilíngue Libras/Português.

Consideramos que práticas culturais são construídas no ambiente da escola, em decorrência da constituição de novos agentes e novos papéis. Nesse sentido, Certeau (1995) defende a ideia de que a verdadeira cultura não depende só das práticas sociais, mas é necessário que estas tenham significado para aqueles que as realizam, pois "a cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um 'marca' aquilo que outros lhe dão para viver e pensar" (CERTEAU, 1995, p. 11). Assim, a escola é um espaço nuclear das práticas culturais. Para Souza (1998)

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

[...] é fato que a educação cumpre finalidades determinadas pela sociedade, não é menos verdade que os projetos, os discursos, as teorias pedagógicas materializam-se no cotidiano da escola; é nesse âmbito que a intercessão de subjetividades e práticas cadencia ritmos, ritualiza comportamentos, intercambia experiências, configura formas de agir, pensar, sentir e possibilita a identidade/diferenciação da escola no conjunto das instituições sociais (SOUZA, 1998, p. 19).

Desta forma, cria-se um novo profissional, sem muitos esclarecimentos sobre seu papel, uma vez que pouco se sabe sobre a condução de sua tarefa na escola. São escassas as pesquisas sobre o intérprete em sala de aula (LACERDA, 2012). Neste contexto, interessa-nos analisar as imagens (que compõem textos verbo-visuais) do cotidiano da sala de aula que retratam os intérpretes educacionais em seu ofício, ou seja, mediando o processo de ensino-aprendizagem na escola, com os problemas e entraves que envolvem uma educação inclusiva para alunos surdos.

Os textos verbo-visuais são representações dos que vivenciam esse ofício, eles se proliferam também em materiais impressos, em grupos virtuais de discussão na rede social, destinados aos professores e aos intérpretes como leitores. As questões que se colocam nesta pesquisa são: como se subteve o intérprete educacional em textos verbo-visuais em materiais de formação (impressos) e informativos (*online*)? Que concepção sobre o papel do intérprete educacional é transmitida por estes textos verbo-visuais?

Compreendendo que os enunciados se apresentam, contemporaneamente, cada vez mais com elementos verbo-visuais tendo em vista os novos suportes e linguagens que a modernização disponibiliza, como impressos, as mídias eletrônicas e o advento da internet, o objetivo deste trabalho foi de contribuir, para a compreensão das representações sobre o intérprete educacional.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Texto verbo-visual

Partimos do princípio de que toda a forma de comunicação humana é “um elo na cadeia discursiva” (BAKHTIN, 2010, p. 299), porque ao nos comunicarmos usamos palavras alheias que apreendemos de outros e as ajustamos em função de nossas necessidades atuais, projetando-as para os nossos interlocutores imediatos e futuros.

O signo a que fazemos uso para a comunicação pode se materializar de diversas formas. Podemos nos debruçar sobre enunciados verbo-visuais, como uma forma de manifestação enunciativa, ou seja, como um meio de expressão humana. Isto posto, Bakhtin (2002) ressalta que:

Numa abordagem ampla das relações dialógicas, estas são possíveis também entre outros fenômenos conscientizados desde que estes estejam expressos numa matéria *signica*. Por exemplo, as relações dialógicas são possíveis entre imagens de outras artes, mas essas relações ultrapassam os limites da metalinguística (BAKHTIN, 2002, p. 184).

Bakhtin inaugura uma nova forma de construir conhecimento, ampliando as possibilidades dos estudos da linguagem. O autor considera que os enunciados de diversas esferas podem apresentar uma dimensão verbo-visual. Os aspectos visuais, em especial as ilustrações, fazem parte dos textos de hipermídias e de materiais impressos e enunciam, sendo a sua análise imprescindível para a compreensão.

Portanto, a ilustração que compõe texto verbo-visual registrada sobre o intérprete educacional em sala de aula é material para construções de sentidos que contribui para a construção da identidade desse profissional. Consideramos que, “tanto a linguagem verbal quanto a visual são acionadas de forma a provocar a interpenetração e consequente atuação conjunta” (BRAIT, 1996, p. 65-66).

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Por conta disso é que Bakhtin (2010) considera que todo signo é penetrado de ideologia, e demarca o caráter essencialmente social da interação humana.

Todo signo, como sabemos, resulta de um consenso entre indivíduos socialmente organizados no decorrer de um processo de interação. Razão pela qual as formas do signo são condicionadas tanto pela organização social de tais indivíduos como pelas condições em que a interação acontece. Uma modificação dessas formas ocasiona uma modificação do signo (BAKHTIN, 2010, p. 45).

Nessa perspectiva, cada contexto de enunciação, de circulação e de recepção de discursos requer gêneros apropriados. Este discurso é marcado ideológica e historicamente. Em redes sociais em que os discursos são veiculados em bases materiais virtuais a escolha por textos verbo-visuais já se faz uma prática comum.

As imagens que representam o intérprete educacional, compreendidas como textos verbo-visuais, invadem o discurso coletivo, “fazendo circular discursos que atravessam e constituem os indivíduos, constroem o imaginário, simulam identidades e, de fato, fazem uso dos sujeitos” (BRAIT, 2004, p. 193). Elas são usadas sedutoramente no cotidiano, sendo, por vezes, discursos naturalizados na vida moderna, na atualidade, e constituindo/transformando nossas concepções.

[...] as linguagens em geral, ainda hoje e especialmente hoje, aí incluídas a linguagem verbal, as visuais e as que combinam o verbal e o visual para os mais diferentes fins, implicam a mobilização de múltiplos sentidos, múltiplos discursos, criando uma interação envolvente, sedutora, viva, que atinge o homem, sua maneira de ver o mundo, sua condição de ser e estar nesse mundo (BRAIT, 2004, p. 193).

A linguagem humana é um complexo processo mental pelo qual nos constituímos, um instrumento que nos permite refletir sobre a vida. Dentre as

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

linguagens, as imagens também transmitem mensagens (informações), fundem-se à nossa singular forma de construção de sentidos.

Descrevendo a pesquisa – aspectos metodológicos

Participamos de um grupo de pesquisa denominado "Surdez e Abordagem bilíngue" (CNPq), em que as relações da educação de surdos, de sujeitos em ação na e pela linguagem se constituem elementos de estudo. Assim, neste trabalho, particularmente, o objeto de estudo é o enunciado, enunciado verbo-visual, constituído por relações dialógicas e relacionado ao cotidiano do intérprete educacional.

Decidimos buscar em diferentes mídias, como, por exemplo, Internet, revistas e livros em que elegeríamos para nosso trabalho textos verbo-visuais sobre o intérprete educacional. Verificamos os diversos textos veiculados na mídia impressa e digital sobre intérprete de língua de sinais em diferentes esferas discursivas. Após pesquisarmos os materiais existentes, selecionamos seis textos sobre intérprete de língua de sinais no campo educacional. Ao buscarmos informações sobre o tipo de instituição em que foram publicados originalmente, constatamos maior predominância de ilustrações que compunham textos de orientações e outros, em menor número, de ilustrações humorísticas.

Assim, os textos verbo-visuais têm autoria e são marcados historicamente e destinados a um interlocutor potencial. Amorim (2001) propõe que a relação entre o sujeito cognoscente e o sujeito a conhecer é de alteridade fundamental e que o objeto das Ciências Humanas não é somente falado, mas, na condição de texto, também objeto falante.

A análise de enunciados verbo-visuais em uma perspectiva bakhtiniana deve se pautar, por um lado, no seu caráter real e

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

objetivo e na sua capacidade, enquanto manifestação humana, de determinar o seu modelo de análise, e, por outro, nas questões e categorias teóricas previamente definidas pelo pesquisador. É no diálogo, por um lado, do pesquisador e sua teoria com, por outro, seu objeto falante que está o fundamento epistemológico da teoria de Bakhtin e seu Círculo (GRILLO, 2012, p. 237).

Assim, nosso papel é o de analisar essa expressão humana, tendo como base a concepção de linguagem bakhtiniana, marcada histórica e ideologicamente, e aberta para a construção de novos discursos sobre si. A partir dos dados (textos verbo-visuais) organizamos a análise em três categorias: a) intérprete-máquina; b) intérprete-colaborador e c) intérprete-dificuldades do cotidiano.

Análise dos dados

A análise, realizada à luz da teoria enunciativo-discursiva de Bakhtin, possibilitou a percepção dos processos constitutivos do texto verbo-visual, e dos possíveis sentidos construídos por meio do humor, da informação. Neste processo, os leitores destes textos, ao assumirem seus papéis como intérpretes, são constituídos pelos discursos que circulam nestes textos.

O Brasil assume como política educacional a escola inclusiva, espaço este para o desenvolvimento das potencialidades de todos os indivíduos (BRASIL, 2008). No caso do aluno surdo, essa potencialidade é interpretada no sentido da visualidade, como discute Carlos Skliar:

[...] potencialidade como direito à aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; potencialidade de identificação das crianças surdas com seus pares e com os adultos surdos; potencialidade do desenvolvimento de estruturas e funções cognitivas visuais; potencialidade para uma vida comunitária e de desenvolvimento de processos culturais específicos; e, por último, a potencialidade de participação dos surdos no debate linguístico, educacional, escolar, de cidadania, etc. (SKLIAR, 1998, p. 26)

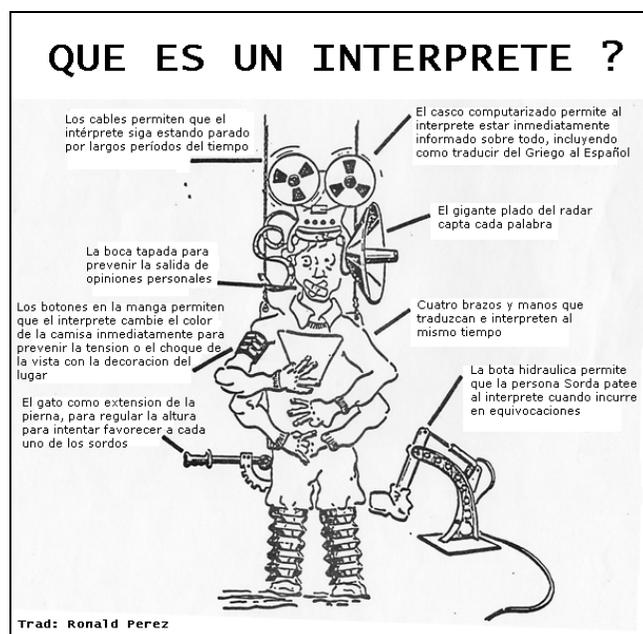
ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Neste cenário, descrever e analisar os possíveis sentidos construídos sobre o intérprete educacional é a tarefa que realizamos neste trabalho. Interessa-nos discutir as maneiras como os intérpretes educacionais são concebidos e representados em textos verbo-visuais.

a) Intérprete-máquina

Há os que considerem a tarefa do intérprete como um ato técnico, sem relação com sua subjetividade, sem interferências pessoais, como a atividade de uma máquina de traduzir/interpretar. Nesta perspectiva, o intérprete desenvolveria apenas a transposição de uma língua para outra, como representado na figura 1. Esta concepção é demasiadamente simplista (LACERDA, 2012).

Figura 1



Autor desconhecimento. *Interpretes de Lengua de Señas de Iberoamérica. Que es um interprete?*. Fonte: Facebook.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Nesta primeira imagem, constatamos que se estabelece um diálogo entre os enunciados verbais e a ilustração, permitindo uma leitura interpretativa, dirigida pela articulação de sentidos estabelecida entre eles. Na boca do intérprete há um esparadrapo e no texto se registra "*la boca tapada para prevenir la salida de opiniones personales*", ou seja, esse intérprete não pode expressar suas opiniões pessoais. Na perspectiva enunciativo-discursiva, o discurso não pode ser considerado neutro. Segundo Santiago (2013), a língua e seus usos ultrapassam o entendimento dela apenas como sistema, os seres humanos se constituem pela língua e nela reverberam a história e a ideologia, como também a comunidade e a língua com quem apreenderam conceitualmente o mundo.

A imagem também refere à possibilidade de mudança de altura do intérprete ao acionar uma alavanca, de ter mais braços e mãos para transmitir diferentes informações ao mesmo tempo, de portar um gravador para armazenar longo tempo de informações e não perder nada da mensagem original. A imagem da "bota hidráulica" a ser usada pelos surdos, quando o intérprete comete algum equívoco dando-lhe um pontapé nas nádegas, significa a não aceitação dos problemas de interpretação inerentes à comunicação humana, como se os erros não fossem intrínsecos ao fazer do intérprete, como se não pudesse ser humano, direciona o leitor para uma esfera de humor e da não necessária aceitação das ideias expressas no texto verbo-visual, ou do sentido implícito de crítica a tal concepção. Em consonância com a visão dialógica da perspectiva bakhtiniana, as diversas interpretações de sentidos acontecem, pois nenhuma consciência é igual à outra, nenhuma história é igual à outra, e, portanto, nenhum intérprete é igual ao outro.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

A compreensão ativo-dialógica inicia o projeto discursivo que compreende uma unidade da produção de sentido, que pertence a sujeitos concretos vinculados às suas condições sócio-históricas e desenvolvido na relação dialógica da interação entre sujeitos e entre outros discursos. Não há, no entanto, sentidos acabados, e sim as possibilidades de produção de sentido que permeiam os enunciados como algo único, irrepetível e singular. (SANTIAGO, 2013, p. 55).

Este texto circulou num meio multimídia que abrange um grande número de pessoas, destinado, portanto, a um determinado público (intérpretes) que tem acesso a esses meios, nessa esfera específica – grupo da rede social do *Facebook* “*Interpretes de lengua de señas de iberoamérica*”.

Desta forma, a imagem perpetua a ideia de que “se considerem os tradutores seres faltos de ideias, meras máquinas de transmissão, como se máquinas pudessem criar por si sós laços entre pessoas por meio de texto!” (SOBRAL, 2003, p. 203).

Ao contrário do que se afirma frequentemente, a posição de um intérprete, longe de ser neutra, é a de um interlocutor, que, na situação discursiva, precisa fazer escolhas, eleger sentidos, para deles se apropriar e fazê-los chegar ao seu destinatário. Faz escolhas não para colocar suas impressões, mas suas impressões são fundamentais nas escolhas de sentido que faz para verter de uma língua a outra com a maior fidedignidade possível. O intérprete não é alguém passivo, um instrumento que verte de uma língua a outra, automaticamente, palavras. É um interlocutor ativo, que, buscando compreender os sentidos pretendidos pelo locutor, justamente por ter uma escuta plural, elege aqueles mais pertinentes e os verte para a língua-alvo (LACERDA, 2010, p.147).

No processo da interpretação não se pode ater as palavras, “mas é fundamental se ater aos sentidos pretendidos pelo locutor/enunciador na língua de origem e trabalhar para que esses sentidos cheguem para o outro na língua alvo” (LACERDA, 2012, p. 252). Como uma máquina interpretaria todas as possibilidades de sentidos da fala humana? Apesar da

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

impossibilidade de se construir homens/máquinas, essa concepção é perpetuada na sociedade e é tomada de forma humorada neste texto verbo-visual.

b) Intérprete-colaborador

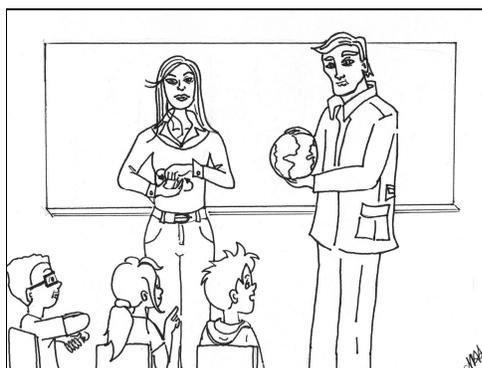
Pesquisas recentes têm demonstrado que o trabalho do intérprete educacional deve ser colaborativo com o trabalho do professor regente em sala de aula da escola comum, que deve estar em sintonia e ser planejado conjuntamente, e que este novo profissional (intérprete) deve fazer parte da equipe pedagógica da escola (KELMAN, 2005; LACERDA, 2012).

Figura 2



Intérprete-colaborador de conteúdo de matemática. Fonte: Vilhalva (2005).

Figura 3



Intérprete-colaborador de conteúdo de geografia. Fonte: Albres (2005).

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Em textos verbo-visuais são registrados espaços de sala de aula, com quadro negro ao fundo, professor explicando um conteúdo de Matemática (figura 2) e de Geografia (figura 3). Nos dois textos os intérpretes estão posicionados ao lado do professor, em um texto o intérprete está sentado e em outro em pé. A posição que o intérprete ocupa, à frente dos alunos surdos e ouvintes, revela a centralidade da Libras quando da mediação dos discursos do professor ou dos colegas ouvintes.

Poucas são as pesquisas sobre as implicações do posicionamento de intérpretes, especialmente no espaço educacional. Naturaliza-se que seu espaço deva ser à frente da sala "para ter visão da sala de aula como um todo, acompanhando as ações desempenhadas pelo professor (frequentemente ficando próximo ao quadro ou ao material didático usado para a aula) e demais alunos" (BELÉM, 2012, p. 55).

Na figura 2, o intérprete está sentado e próximo ao quadro negro onde o professor escreve; na figura 3, o intérprete está em pé e próximo ao globo terrestre, material didático que está nas mãos do professor. As imagens transmitem este "padrão de espaço", e entre os profissionais pouco se discute sobre os benefícios de cada espaço a ser tomado pelo intérprete.

O posicionamento e o espaço em sala de aula vão depender do tipo de aula, da configuração da sala de aula e da turma, como também da atividade desenvolvida (prestar atenção em aula expositiva ou em slides, trabalho em grupo, apresentação de trabalhos, uso de computador, microscópio, entre outros), como aponta Belém (2012).

Nestas duas figuras (2 e 3), os autores recriaram uma situação de trabalho do intérprete educacional, podemos dizer uma situação prototípica, contribuindo para a construção de sentido do espaço correto a ser ocupado pelo intérprete em sala de aula. Todavia, o "certo" é relativo e depende, eminentemente, do contexto discursivo.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Belém (2012), ao analisar o discurso de intérpretes refletindo sobre os efeitos de seu posicionamento, estabelece que o posicionamento à frente, ao lado do aluno surdo, na frente ou ao fundo da sala, são ajustes que vão sendo feitos segundo as necessidades de cada disciplina e de cada organização de aula, sendo fundamental uma análise crítica do intérprete educacional que deve levar em consideração a qualidade de seu trabalho e o respeito aos interlocutores envolvidos.

Os intérpretes são representados em ação, com mãos em movimento e os alunos surdos quietos e atentos. Nas imagens, os intérpretes desenvolvem um trabalho em harmonia com o professor regente, o locutor do discurso a quem os intérpretes estão a interpretar.

Os textos verbo-visuais veiculados nestes materiais de orientações nos levam a pensar que pela inserção do profissional para interpretar a fala dos professores, os alunos aprenderiam sem problemas. Para além da inserção de intérpretes em sala de aula, é preciso que em um projeto de inclusão bilíngue as questões específicas da surdez sejam consideradas pelo conjunto de professores de modo a preparar suas aulas, atendendo à experiência visual própria da surdez, à inacessibilidade aos recursos auditivos, de modo a repensar a sequência didática, a fim de que as aulas façam sentido para alunos os surdos e ouvintes (CAMPELO, 2007; LODI; LACERDA, 2009).

A compreensão dos surdos está vinculada à atuação do intérprete educacional, como registrado na figura 4, em que a professora pergunta se todos entenderam. A intérprete interpreta para a Libras, e os alunos surdos e ouvintes respondem que entenderam.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

O sentido se estabelece pelo entendimento do texto verbo-visual no contexto sócio-histórico em que se encontra, no espaço-tempo em que se desencadeiam os discursos. Vale destacar que os três textos desta categoria de análise são provenientes de material de orientação, em decorrência da prática da escolarização de surdos na escola inclusiva, muitas vezes, despreparada para receber o aluno surdo, e orientada pela política mínima e ingênua de construção de uma hipotética educação bilingue apenas pela contratação do intérprete educacional. Diante do exposto, pode-se ocasionar várias dificuldades em sala de aula, registradas em alguns textos verbos-visuais e apresentados na categoria de análise a seguir.

c) Intérprete-dificuldades do cotidiano

Nesta categoria, agrupamos as imagens que revelam as dificuldades encontradas na tarefa dos intérpretes. Aqui, textos verbo-visuais ironizam a atuação do intérprete educacional. Estes textos circularam em multimídia que abrange também um grande número de pessoas, destinados, portanto, a um determinado público (intérpretes). Os posts foram contemplados com uma série de curtidas e comentários, em geral, concordando que essas situações são próximas ao cotidiano do intérprete educacional.

A discussão sobre as dificuldades do fazer dos intérpretes educacionais tem sido tema de pesquisas sobre educação, educação especial e educação de surdos. Estas imagens dialogam com estas pesquisas, pelo fato de que as pesquisas têm apontado as dificuldades do fazer do intérprete educacional em espaços educacionais inclusivos. Nesse sentido, podemos afirmar existir uma polifonia nos textos verbo-visuais selecionados para esta análise.

O gênero implica em uma prática enunciativa – produção e recepção de enunciados determinadas por uma esfera da

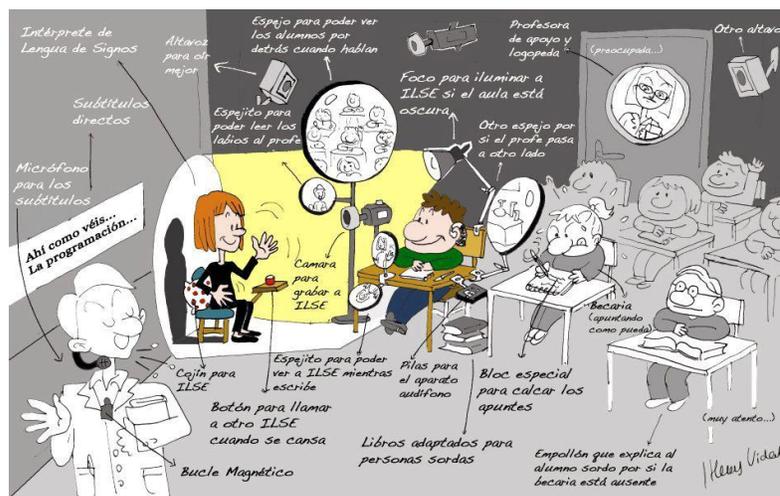
ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

ISSN 2237-9126

comunicação discursiva através da qual a individualidade do locutor se constitui no contato com outros sujeitos. A adaptação do projeto discursivo do locutor é uma necessidade, porque o gênero coloca o enunciado na relação com os usos anteriores do mesmo gênero por outros locutores (GRILLO, 2012, p. 240).

O processo de aprendizagem de aluno surdo é altamente complexo, pelo canal de recepção da informação estar em destaque, a visão, do compartilhar da atenção para espaços físicos diferentes (da posição do intérprete, do professor e dos colegas que geralmente ficam atrás), e de estar impedido de tomar notas (em papel) e olhar para o intérprete simultaneamente. É indicado no texto verbo-visual (figura 5) inúmeros recursos, desde filmadora, espelhos, iluminação especial, dupla de intérpretes educacionais, anotador por escrito, educador especial como suporte, entre outros. Recursos estes, muitas vezes, previstos nos documentos do Ministério da Educação ou indicados em pesquisas, mas ausentes na escola por falta de recursos financeiros, projetos específicos ou profissionais habilitados para desenvolver tais funções.

Figura 5



VIDAL, Kelly. Interpretes de lengua de señas de iberoamérica. Texto verbo-visual. Fonte: Facebook

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Por exemplo, a imagem revela um botão vermelho à frente da intérprete com a seguinte explicação: "*boton para llamar a otro ILSE cuando se cansa*", indicando que a intérprete pode apertar este botão que virá outro intérprete fazer o revezamento com ela. Pesquisas indicam que quanto maior o tempo ininterrupto de trabalho mental de interpretação mais se perde de qualidade dessa interpretação (QUADROS, 2004), "sua concentração deve ser total e por essa razão é que, em geral, o trabalho do intérprete não deve se estender para além de 20 a 30 minutos ininterruptos" (LACERDA, 2012, p. 259). Experiências de dupla de intérpretes são registradas como positivas e necessárias, onde o trabalho de revezamento, além de proporcionar uma interrupção do trabalho mental maçante, que é intrínseca à atividade deste profissional, permite o trabalho de apoio, ou seja, de cooperação entre a dupla na construção de sentido, no caminho do sentido proposto pelo locutor que está sendo interpretado (SANTIAGO, 2013).

Em uma primeira leitura, o texto verbo-visual (figura 5) parece exagerado, uma piada sobre as condições de sala de aula. Em uma análise mais detida, é possível identificar estes outros discursos presentes nesse enunciado concreto. As dificuldades não se restringem ao papel do intérprete, mas a um conjunto de elementos que comporiam um programa inclusivo.

Deve-se também considerar que o intérprete é apenas um dos elementos que garantirá a acessibilidade. Os alunos surdos participam das aulas visualmente e precisam de tempo para olhar para o intérprete, olhar para as anotações no quadro, olhar para os materiais que o professor estiver utilizando em aula. Também, deve ser resolvido como serão feitas as anotações referentes ao conteúdo, uma vez que o aluno surdo manterá sua atenção na aula e não disporá de tempo para realizá-las. Outro aspecto importante é a garantia da participação do aluno surdo no desenvolvimento da aula através de perguntas e respostas que exigem tempo dos colegas e professores para que a interação se dê. A questão da iluminação também deve sempre ser considerada, uma vez que

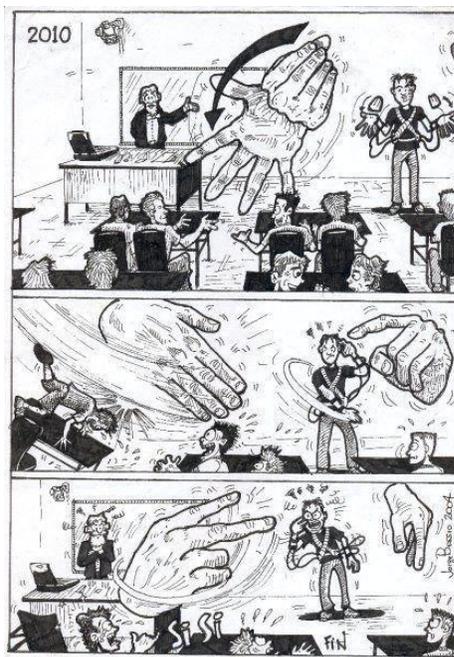
ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

ISSN 2237-9126

sessões de vídeo e o uso de retroprojektor podem ser recursos utilizados em sala de aula (QUADROS, 2004, p. 61 e 62).

Outro problema identificado na atuação do intérprete educacional está relacionado ao comportamento dos alunos surdos e ouvintes, das conversas paralelas em sala de aula e, principalmente, da falta de atenção ao processo de interpretação. Identificamos um texto-verbo visual que problematiza esta questão (figura 6).

Figura 6



BOSSIO, Jorge A. *Interpretes de Lengua de Señas de Iberoamérica*.

Interpretação e conversas paralelas. Fonte: Facebook.

A figura 6 apresenta uma história em quadrinho em que alunos não olham para o intérprete enquanto este atua na interpretação da fala do professor para a língua de sinais, ou seja, não prestam atenção na aula-interpretada. Na sequência, o intérprete se irrita com a situação, dá um tapa no aluno e sinaliza: "Olhe para mim!". O aluno surdo sinaliza que sim,

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

informando que vai prestar atenção, o professor com braços cruzados e com dor de cabeça parece não aprovar a bagunça da turma. Muitos intérpretes encaram este texto verbo-visual como um texto humorístico, este *post* recebeu centenas de comentários e curtidas em redes sociais (Facebook), comentários com registros de risadas.

Todavia, a situação de indisciplina em sala de aula é tema de pesquisas científicas nas mais diversas áreas de estudo, na Psicologia, na Educação e na Educação Especial. No entanto, há que se fazer um parêntese aqui: a recepção das informações pelos alunos surdos se dá por meio da visão, quando este não mantém o contato visual com o intérprete, significa que seu trabalho está sendo em vão. Lidar com isso é uma constante na atividade do intérprete educacional, os alunos ouvintes não precisam estar o tempo todo olhando para o professor para ter acesso aos conteúdos circulantes na sala de aula, mas o aluno surdo deve manter o contato visual com o intérprete para ter acesso a estes mesmos conteúdos. O contexto da sala de aula influencia muito a elaboração discursiva do intérprete educacional, que em:

[...] ambiente confuso quanto ao comportamento dos alunos comprometendo o trabalho, não apenas “superficialmente” – condições que implicam em níveis baixos de atenção dos alunos –, mas também e, principalmente, o trabalho do IE, visto que alunos agitados prejudicam a concentração do intérprete e comprometem sua elaboração e ato tradutório (comprometimento na construção dos sentidos envolvidos na abordagem docente) (SALLES; LACERDA, 2012).

Os textos verbo-visuais agrupadas neste trabalho, considerados enunciados concretos, estabelecem relações dialógicas entre os diversos sujeitos: enunciadore (desenhistas ou autores de textos de orientação), leitores previstos (professores ou intérpretes) e contexto sócio-histórico (política de inclusão educacional).

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

Considerações finais

O humano é constituído pela língua e pela valorização dada à linguagem por Bakhtin e o círculo, como também da atenção às diferentes esferas de comunicação e dos contextos históricos, sociais, culturais e ideológicos no uso concreto da linguagem, produziram a gênese do que se chama, hoje, de análise de texto verbo-visual.

A constituição discursiva das mídias digitais, dentre elas, grupos em redes sociais e virtuais no Facebook ou em *E-books*, e em materiais impressos como livros técnicos se fazem espaço profícuo para análise de discursos que formam e informam sobre o intérprete educacional.

Consideramos ter importância fundamental na construção de sentido desses discursos pelos profissionais da educação (professores e intérpretes), visto que os materiais em que tais imagens foram publicadas estavam endereçados para interlocutores específicos.

"A compreensão do projeto discursivo do autor do enunciado ocupa um lugar central na obra bakhtiniana" (GRILLO, 2012, p. 245). Dessa forma, marcamos que os textos verbo-visuais se prestam a servir de material de formação de educadores em uma perspectiva inclusiva de educação ou como material humorístico sobre os conflitos dos intérpretes no cotidiano da sala de aula.

Identificamos nesta linguagem a complexa tarefa do intérprete educacional, ora voltado para os aspectos linguístico-discursivo quando é focado o seu papel-máquina, ou mesmo voltado para seu papel colaborativo quando é focado o seu trabalho "ao lado" do professor regente.

Consideramos ainda que os textos formam a opinião do leitor, que a valorização da tarefa do intérprete está implícita ao problematizar as

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

dificuldades enfrentadas nesta tarefa. Os textos geram um tom humorístico, o que afeta de modo decisivo a opinião dos leitores.

Textos verbo-visuais que formam e informam sobre as condições dessa nova profissão revelam que na interpretação educacional há um empenho crescente em termos de formação linguística, cultural e, acima de tudo, do desenvolvimento de um senso crítico de sua tarefa, limites e possibilidades ao trabalhar em conjunto com o professor regente e em prol da aprendizagem dos alunos surdos.

Referências

ALBRES, Neiva de Aquino. *Construção do tradutor e intérprete de língua de sinais em Mato Grosso do Sul: condicionantes sociais e políticos*. Campo Grande: EPILMS, 2005.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Imagens de um movimento político educacional: análise da história contada pelos surdos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO ESPECIAL 5., ENCONTRO NACIONAL DOS PESQUISADORES DA EDUCAÇÃO ESPECIAL 8., 2012, São Carlos. *Anais...* São Carlos: UFSCar, 2012. p. 680-700.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Problemas da poética em Dostoiévski*. Tradução de Paulo Bezerra. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

BRAIT, Beth. *Ironia em perspectiva polifônica*. Campinas: UNICAMP, 1996.

_____. Linguagem e identidade: um constante trabalho de estilo. *Trabalho, educação e saúde*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 185-201, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de educação Especial. *Resolução nº 2/2001*. Diretrizes nacionais para a educação especial na educação básica. MEC/SEESP, 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/diretrizes.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

_____. *Lei n. 10.436 de 24 de abril de 2002*. Reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais e da outras providencias, Brasília, 2002. Disponível em:

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

ISSN 2237-9126

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em: 16 jun. 2014.

_____. *Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000*. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 16 jun. 2014.

CERTEAU, Michel. *A cultura no plural*. Tradução de Enid Abreu Dobránszky. Campinas: Papyrus, 1995.

GRILLO, Sheila Vieira de Camargo. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, n. 14, v. 2, p. 235-246, 2012. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/dlcv/lport/flp/images/arquivos/FLP14-2/Grillo.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

LACERDA, Cristina Broglia Feitosa. Tradutores e intérpretes de língua brasileira de sinais: formação e atuação nos espaços educacionais inclusivos. *Cadernos de Educação*, Pelotas, n. 36, p. 133-153, maio/ago. 2010. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/1604/1487>. Acesso em: 16 jun. 2014.

_____. O intérprete de língua brasileira de sinais (ILS). In: LODI, A. C. B.; MÉLO, A. D. B.; FERNANDES, E. *Letramento, bilinguismo e educação de surdos*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

LEITE, Emili Marques Costa. *Os papéis do intérprete de libras na sala de aula inclusiva*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

LODI, Ana Claudia Balieiro. Plurilinguismo e surdez: uma leitura bakhtiniana da história da educação dos surdos. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 409-424, 2005.

_____. Educação bilíngue para surdos e inclusão segundo a política nacional de educação especial e o decreto nº 5.626/05. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 39, n. 1, p. 49-63, 2013.

ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. Análise de textos verbo-visuais sobre intérprete educacional: construindo sentidos sobre sua tarefa em sala de aula. *Domínios da Imagem*, Londrina, v. 8, n. 15, p. 178-202, jun./dez. 2014.

LODI, Ana Claudia Balieiro; ROSA, André Luís Matioli; ALMEIDA, Elomena Barboza. Apropriação da libras e o constituir-se surdo: a relação professor surdo-alunos surdos em um contexto educacional bilíngue. *Revista virtual de estudos da linguagem*, v. 10, n. 19, 2012.

NAÇÕES UNIDAS. *Declaração de salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais*. 1994. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2014.

NEVES, Sylvia Lia Grespan; BRITO, Fábio Bezerra; XAVIER, André Nogueira. O movimento surdo e sua luta pelo reconhecimento da Libras e pela construção de uma política linguística no Brasil. In: ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan. *Libras em estudo: política linguística*. São Paulo: Feneis, 2013. p. 67-104.

QUADROS, Ronice Muller. *O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa*. Brasília: MEC; 2004.

ROSA, Andrea da Silva. A representação do intérprete de língua de sinais na literatura surda. In: ENCONTRO NACIONAL DE TRADUTORES 10., 2009, Ouro Preto. *Anais...* Ouro Preto: ABRAPT-UFOP, 2009. p. 872-883.

SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. *Atuação de intérpretes de língua de sinais na pós-graduação lato sensu: estratégias adotadas no processo dialógico*. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2013.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1800, 1910)*. São Paulo: UNESP, 1998.

VILHALVA, Shirley. *Quando o intérprete de libras atua: eu ouço*. 2005. Disponível em: <http://www.tveregional.com.br/colunistas.php?IDc=9>. Acesso em: 30 jun. 2005.